

Daniel-Henri Pageaux

*ESSAIS DE LITTÉRATURE GÉNÉRALE ET COMPARÉE OU LA CORNE D'AMALTHÉE*, Paris, L'Harmattan, 2003, 314 pp.

À semelhança de um experimentado narrador-viajante que, ao longo do seu périplo, vai assinalando etapas no espaço percorrido, registando reflexões sobre os encontros entre culturas, marcando momentos de paragem que permitam um reacondicionamento da bagagem e um imprescindível aprovisionamento a assegurar a continuidade do percurso viático, nunca descurando uma constante partilha com o leitor, também Daniel-Henri Pageaux, que entende o comparatista como sendo “à sa manière un nomade” (311), adopta procedimento similar.

*Trente Essais de Littérature Générale et Comparée ou la corne d'Amalthée* apresenta-se, com efeito, como um desses momentos. Em nota introdutória, o autor tem o cuidado de oferecer um guia para o seu leitor-viajante: explicita-se a escolha de um intitulado de sabor mitológico a anunciar diversidade, abundância e, acrescentáramos nós, riqueza, que atravessa esta colectânea de estudos comparatistas, e inscreve-se a obra num já vasto percurso de relatos de investigação que inclui *Les Ailes des Mots* (1994), *Le Bûcher d'Hercule* (1996), *La Lyre d'Amphion* (2001) e *Sous le Signe de Vertumne* (2003) de que sumariamente se dá notícia, a testemunhar afinal da constância e coerência, sempre reflexiva, na tomada de opções de fundo que passam por se situar disciplinarmente na Literatura Comparada, considerando três níveis possíveis de abordagem teórica da literatura: a literatura como instituição, como prática poética e como expressão do imaginário. Tal inscrição reflectir-se-á no diálogo que naturalmente ao longo da obra se vai estabelecendo entre diversos estudos de *Trente Essais de Littérature Générale et Comparée* e estudos anteriormente publicados, para já não falarmos do piscar de olhos recorrente que, em *Trente Essais*, os vários estudos lançam entre si.

Apresenta-se a obra como a última de uma série apoiada na mitologia, entendida como linguagem de mediação simbólica que permite “tenir les yeux ouverts” e “mieux voire notre monde”(8): detectar e pensar as transformações múltiplas, os deslocamentos ou os desvios diferenciais. E Pageaux tem de resto o cuidado de chamar a atenção, desde logo numa etapa liminar, para o facto de o comparatista pensar, assentando num princípio analógico, “non le multiple, mais la diversité, le divers et la différence, l'écart, plutôt que la similitude”(9). Nesta anco-

ragem mitológica, trata-se também de manifestar uma posição com reflexos no social e que passa por *religare* o homem contemporâneo a toda a fonte de vida e ainda, como diz o autor com algum desencanto, mas não numa atitude de desistência, "*rendre la vie aux morts*" e mesmo "*maintenir vivant ce qui peut et doit demeurer source de vie*". (10)

Assim, alerta-se para uma recolha de textos que se estende por cerca de quarenta anos e que, como tal, não pretende ser homogênea mas reflectir, outrossim, caminhos vários traçados e a traçar no âmbito dos estudos comparatistas, sempre numa crescente perspectiva integradora e sincrética defendida por Daniel-Henri Pageaux. É o próprio autor a chamar a nossa atenção para uma estrutura em capítulos que manifesta "*les axes essentiels d'une littérature comparée à la fois ancienne et moderne*" (7) e que, passando sempre pelo diálogo de culturas, privilegia o estudo de representações culturais, o estudo de recepção de obras estrangeiras, os processos de mediação cultural, a poética comparada ou o estudo temático, nunca descurando preocupações que potenciam uma reflexão e produção teóricas no âmbito da Literatura Comparada.

Cabe em seguida ao leitor viajar na obra que se encontra estruturada em cinco momentos: "*Les Cultures en Dialogue*", "*Figures de la Médiation*", "*Le Roman entre Poétique et Imaginaire*", "*Types, figures, mythes*" e "*Ouvertures Théoriques*", cinco partes de extensão diversa e que acolhem os vários estudos, ou melhor, as etapas percorridas por este viajante comparatista, sempre encerradas com referências bibliográficas específicas e relativas às problemáticas em questão. Em "*Les Cultures en Dialogue*" podemos deter-nos perante um conjunto de abordagens comparatistas de cariz mais tradicional que privilegiam o estudo dos contactos, dos intermediários, das traduções, da recepção, por vezes fortuna ou influência de um autor numa dada cultura nacional, o estudo de auto e/ ou hetero-imagens como por exemplo em "*L'Espagne du Romantisme à la 'Belle Époque' entre exotisme et mythification*" ou "*Images romanesques du Portugal dans les lettres françaises au XIXème siècle*" textos que estudam a *mise en fiction* da Andalusia e de Portugal, respectivamente. Abordagens que dão conta ainda de um "comparatisme intérieur" a relevar a vocação "internacional" de certas províncias ou regiões (cf. "*Les relations hispano-lorraines du XVIIème au XVIIIème siècle*").

Desde o início somos pois colocados perante um estudioso que circula confortavelmente no tempo (do século XVII ao século XX) e no espaço (no continente europeu e do continente europeu ao continente americano passando por África), revelando um conhecimento vasto de

diversas culturas e literaturas nacionais que iterativamente põe em diálogo, dialogando igualmente com outras áreas do saber, como acontece com a história cultural quando se trata de uma reflexão literária em torno de géneros, motivos, temas, mitos ou imagens, lançando mão de conceitos terminológicos e respectivos conteúdos desenvolvidos noutros domínios, mas que se tornam produtivos nos estudos comparatistas (cf. por exemplo, "civilisation matérielle", 14).

Ao longo dos diversos trabalhos contidos neste primeiro capítulo, regista-se um procedimento igualmente constante em *Trente Essais de Littérature Générale et Comparée* e que consiste, nem que seja por breves sínteses, em dotar o texto de todo um aparato conceptual, teórico que sustente a reflexão empreendida. Veja-se a título de exemplo, as considerações sobre as construções de representações culturais, a definição de imagem, e de um tipo particular de imagem como o estereótipo (13), a definição e caracterização de mito e seus processos construtivos, a dilucidação de processos de exotização (17-18) e de mitificação, sínteses teóricas por vezes extremamente breves como já referimos, mas que respondem a preocupações de rigor científico e de eficácia pedagógica de um autor que se define como "enseignant-chercheur" (10).

Não podemos deixar de salientar a presença, neste primeiro capítulo, de um estudo como "Visages d'une oeuvre: *les Lusiades* de Camoens en France", no qual de novo se manifesta uma preocupação com a transmissão e circulação do saber e que leva o autor a propor a criação e adopção de estudos e manuais de literatura autenticamente europeus que poderiam combater casos de "'résistance' à la connaissance d'un chef-d'oeuvre" (21) e colmatar vazios, desconhecimento que praticamente rasura autores e obras ímpares numa dada cultura nacional como é o caso de Camões em França.

"Figures de la Médiation", segunda etapa no percurso de leitura, trabalha textos e agentes com frequência esquecidos ou pelo menos secundarizados face à actividade empreendida e, no entanto, relevantes no que respeita ao fenómeno de mediação cultural. Aborda-se a correspondência de Eça de Queirós enquanto literatura de mediação ligada ao quotidiano, lembram-se figuras como Paul Hazard, "érudit aux dons de vulgarisateur" (95) que anexa à literatura comparada a história das ideias (cf. 94), o Padre Miguel Batllori que, ao escolher como campo de estudo a correspondência trocada entre jesuítas e sem hierarquizar os diferentes correspondentes, contribui inegavelmente para uma reflexão em torno das relações intelectuais internacionais e o movimento das ideias na segunda metade do século XVIII. Daniel-Henri Pageaux não deixa de

lembrar a possibilidade não explorada de ir ainda mais além, caso se incorporasse o estudo de outras actividades intelectuais dos jesuítas tais como a estética, a crítica literária ou a história das civilizações. Não se estranha pois a valorização da actividade crítica e a sua articulação com actividade criadora que são também objecto de estudo em "La critique selon José Régio", crítica que é ocasião de escolhas, de constituição de um cânone e simultaneamente enformadora do próprio acto de criação.

O retrato que faz de Max-Pol Fouchet — "portrait d'un artiste en aventurier" (110) — lembra-o enquanto mediador cultural que pela partilha da experiência de viagem a dá a ver como "le moyen de découvrir la multiplicité des cultures. De croire en leur pouvoir de communication, de message" (111), mediador cultural ainda pelas propostas semanais de descoberta de uma obra estrangeira. Intermediário é-o também Roger Caillois, "un des traits d'union les plus actifs entre Ancien et Nouveau Monde" (115), entre a Europa e a América Latina. E neste texto aponta-se para algo tantas vezes esquecido: os diálogos culturais que individualmente se empreendem nem sempre resultam de escolhas planeadas, mas decorrem com frequência de relações pessoais que fortuitamente se estabelecem. Aimé Césaire é também ele objecto de estudo neste capítulo, não o Césaire poeta, mas o orador, debruçando-se Pageaux sobre a poética da oratória de Césaire, permitindo uma reflexão sobre a força mediadora da palavra.

Num espaço consagrado à mediação cultural, Pageaux demonstra claramente o alcance mais vasto e profícuo da literatura comparada que, ao considerar a possibilidade de estudo de toda uma diversidade não hierarquizada de *corpora* (os epistolários, os textos críticos ou a oratória) e que ultrapassa em muito o texto literário, viabiliza um melhor entendimento e análise das relações dialógicas em termos culturais.

"Le Roman entre Poétique et Imaginaire", terceira parte de *Trente Essais de Littérature Générale et Comparée*, oferece estudos de poética comparada num campo genológico específico como o do romance, a que se associa uma abordagem da problemática do imaginário. Dom Quixote de Cervantes, Cumandá de Juan León Mera, o romance de José Rizal, o "roman du poète" (159) com Rilke, Joyce e Cendrars, o romance de Xavier Orville, de Tierno Monenembo ou de Raphaël Confiant são momentos de uma nova etapa que estuda diferentes manifestações de um género proteiforme, veículo e espaço de construção de imagens. Com este conjunto de trabalhos, de novo se revela o comparatista versátil e versado, atento, sempre disponível para acolher novos objectos de interesse, ora explorando a sua costela de hispanista, situando-se em espaço

estritamente europeu, ora explorando o domínio fértil da francofonia, quer em relação a um "contexte franco-francophone" (181) quer num contexto francófono americano, mostrando mais uma vez os diálogos intertextuais que os textos encerram ou desencadeando diálogos em torno de textos vários.

A exploração de abordagens temáticas marcam o capítulo "Types, figures, mythes", reflectindo sobre o modo como é trabalhado o acto heróico em *Horace* de Corneille e como se estabelecem linhas de interpretação com o público, analisando redescrições em torno da figura de Colombo na época das Luzes e no escritor contemporâneo Alejo Carpentier, sublinhando o modo como é pensado o mito quixotesco em Miguel Torga ou as imagens de judeus e negros numa estreita ligação a uma mitologia do judeu na obra sartriana. Curioso e interessante é o facto de se partilhar com o leitor o processo de adaptação dramática da obra romanesca *El arpa y la sombra*, a obra em que Carpentier retoma a figura de Cristóvão Colombo. É na verdade ocasião soberana para ilustrar abordagens hermenêuticas do texto literário que permitem dilucidar opções construtivas e a possibilidade de metamorfose de uma mesma substância. Neste quarto momento do nosso percurso, não podemos deixar de salientar a presença de algumas notas de investigação em torno da figura de Napoleão Bonaparte. Trata-se de breves trocas de palavras com Paul Morand e Victor Hugo, propostas de diálogos a expandir que poderiam ter ficado na gaveta, mas que são postas à nossa disposição abertas a desenvolvimentos.

A fechar o percurso, "Ouvertures Théoriques" dá ao leitor um conjunto de balanços e sinopses em torno do caminho percorrido em *Trente Essais de Littérature Générale et Comparée*, em quatro décadas de investigação do autor. Com uma preocupação pedagógica de clareza formulam-se sínteses teóricas, reflexões interpelantes que são bagagem e aprovisionamento para novas viagens no espaço do comparatismo. Com efeito, nada é apresentado como fixado para sempre, mas tão somente enquanto "proposition générale, cadre problématique, hypothèses à développer, à vérifier" (267).

Recusando uma visão eurocêntrica na abordagem da literatura, Daniel-Henri Pageaux — e que nos perdoem a expressão — não lança fora o bebé com a água do banho, procurando recuperar proficuamente o que de válido existe numa herança comparatista de cunho francês e europeu que integra de modo reflectido e reflexivo contributos teóricos vários, surgidos a partir da década de sessenta. Assim, a pesquisa comparatista do ponto de vista de Daniel-Henri Pageaux não pode deixar de

se estribar em três práticas: o estudo da dimensão de estrangeiro, a comparação de textos e "leituras" comparatistas, a elaboração de modelos mais ou menos teóricos que passam pela consideração de uma dominante histórico-cultural, uma dominante poética e a elaboração de modelos de teorização, elegendo o comparatista noções como encontro, passagem, desvio ou diferença (cf. 273).

Em etapa final, Daniel-Henri Pageaux deseja ainda partilhar conosco reflexões e convicções desencadeadas pela necessidade, que o homem e o estudioso contemporâneos experimentam, de pensar "le rôle et la place de minorités culturelles, de pratiques minoritaires" (275). Em "Multiculturalisme et interculturalité", momento interpelante para o leitor no qual Pageaux recusa o multiculturalismo que, do seu ponto de vista, é solução política, "une sorte de corpus de moyens politiques, de stratégies, de pratiques et d'intentions morales pour que les minorités culturelles puissent se sentir reconnues" (275-276). Pageaux prefere falar de pluriculturalismo enquanto espaço onde existem diferentes culturas, fenómeno afinal transhistórico mas de enorme acuidade nos nossos dias a gerar novas dinâmicas nos estudos literários de que os estudos pós-coloniais são claro testemunho. Contudo, face à dificuldade em fazer vingar o termo pluriculturalismo, Pageaux adopta o conceito de interculturalidade a acolher o diálogo entre culturas e culturas em movimento (283) e propõe programas e etapas de estudo de vocação interdisciplinar, revendo conceitos-base e integrando novos conceitos como por exemplo o de "transculturation" (283), votando uma maior atenção a uma literatura de mediação (cf. 282).

"Sur la littérature de fondation" e "Identité, altérité, francophonie perspectives comparatistes" apresentam-se como estudos-propostas de domínios de pesquisa a explorar e desenvolver. No primeiro estudo trata-se de reflectir em torno do que pode ser considerado literatura de fundação, concluindo Pageaux que "Est littérature de fondation tout texte exprimant, célébrant un acte politique, social de fondation" (291), "espace d'expansion créatrice" (285) que adquire toda a sua importância por funcionar como "archive fictive pour une société" (292). O segundo estudo-proposta resulta igualmente num programa bem delineado: ao nível da dilucidação das problemáticas passíveis de estudo, ao nível da definição de todo um aparato teórico e terminológico, ao nível ainda da definição de princípios, no estudo de processos identitários e de alteridade que a francofonia coloca e que remetem para a existência de um "entre-deux" (306) tão sedutor para diferentes abordagens actuais. O capítulo "Ouvertures Théoriques" encerrará com uma reflexão sobre o

uso de diversos prefixos no domínio da Literatura Comparada, sendo para o autor o prefixo *inter* aquele que melhor define a prática comparatista.

Estudos imagológicos, estudos de mediação cultural, estudos de poéticas comparadas, estudos de processos de construção em torno do imaginário ou estudos temáticos, eis alguns dos muitos caminhos trilhados por Daniel-Henri Pageaux, caminhos que constantemente se entrecruzam e que nos dão a ver obras, autores, imagens, motivos, temas e mitos em trânsito incessante, a permitir aproximações cartográficas de diálogos intra e intercontinentais. *Trente Essais de Littérature Comparée* ou *la corne d'Amalthée* não se constitui então, de modo algum, como um título deceptivo, bem pelo contrário: são diversos os percursos a que a obra nos conduz, numerosos os desafios para trilhar novas veredas, assumindo a condição de "passeur", de "homme-pont" (312) que todo o comparatista enquanto mediador cultural não pode recusar.

Fátima Outeirinho